

INTERVENÇÕES EDUCACIONAIS E INCLUSIVAS PARA ESTUDANTES AUTISTAS NO CSHNB



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ

Estimados Leitores,

Com entusiasmo e alegria, o Serviço Pedagógico (SEPE) do Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) socializa este conteúdo a respeito das intervenções educacionais e inclusivas para estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), em Picos-PI.

Esta produção foi pensada para docentes, estudantes, técnicos e terceirizados que têm interesse em conhecer mais a respeito do TEA e buscam promover espaços inclusivos na universidade. Acreditamos que a conscientização e os esclarecimentos acerca dessa temática contribuem para a construção de relações sociais respeitosas e subsidiam o melhor desenvolvimento de todos.

Neste material, você encontrará informações sobre o TEA; conhecerá o trabalho do NAE no suporte aos estudantes autistas do campus; caso seja estudante com diagnóstico de TEA obterá informações sobre como requerer seus direitos em nossa Instituição; terá acesso a sugestões metodológicas inclusivas e a uma entrevista com estudante autista, que apresentará alguns aspectos de sua vivência no espectro.

Desejo que vocês aproveitem o material!

Boa leitura e abraços afetuosos!

Elisiene Borges
Serviço Pedagógico-NAE



AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica caracterizada pela dificuldade na interação social, comunicação, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses. (WHITMAN, 2015)

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica o autismo em três níveis, tomando como referência os prejuízos na capacidade de interagir, comunicar-se e realizar suas atividades com autonomia.

Assim, de acordo com a necessidade de suporte, denomina-se:



Autistas que apresentam pouca necessidade de apoio e ajustes na rotina para realizar suas demandas. Apresentam dificuldades na comunicação e na interação social.



Autistas que possuem frequente necessidade de apoio e adaptação ao ambiente para realizar suas demandas. Apresentam déficit grave nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; dificuldade nas interações sociais; comportamento restrito, repetitivo e inflexível.



Autistas que apresentam maior necessidade de suporte para realizar desde atividades de vida diária como atividades mais complexas. Na comunicação, possuem muita dificuldade para falar ou possuem ausência de fala. A capacidade cognitiva é prejudicada.



Vale ressaltar que, embora pertencentes aos mesmos níveis de suporte, às pessoas com TEA podem apresentar demandas diferentes, pois cada sujeito é único e mesmo as características menos perceptíveis podem afetar significativamente a vida dos indivíduos.

Apesar de apresentarem algumas dificuldades e necessitarem de suporte em determinadas situações, as pessoas com TEA também têm potencialidades, são capazes, criativas e inteligentes.

ALGUMAS HABILIDADES DAS PESSOAS COM TEA:

- Podem ter boa memória;
- Podem ser muito focadas em sua área de interesse;
- Podem ser extremamente atentas aos detalhes;
- Podem ser criativas e talentosas para a arte.

As pessoas com TEA precisam receber apoio e os recursos necessários para terem qualidade de vida e se desenvolverem.

A ATUAÇÃO DO NAE NA GARANTIA DOS DIREITOS DOS ESTUDANTES AUTISTAS DO CSHNB

O Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) desempenha junto ao Núcleo de Acessibilidade (NAU) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) um



importante papel na garantia dos direitos dos estudantes autistas. O NAE se constitui como espaço de prestação de serviços aos estudantes público-alvo da educação especial (PAEE), por meio da atuação da equipe multidisciplinar, setor de

acolhimento de demandas, fornecimento de orientações e concessão de benefícios específicos para estudantes com deficiências.

Por meio da Resolução CEPEX/UFPI nº 76/2019, a UFPI garante atendimento educacional para estudantes de graduação público-alvo da educação especial. Desse modo, os estudantes autistas, assim como os demais estudantes com deficiências, podem requerer o usufruto dos seus direitos por meio dos respectivos NAEs, nos campi fora de sede, e por meio do NAU, no campus Ministro Petrônio Portella.



Para solicitar atendimento educacional no CSHNB, os estudantes PAEE precisarão:

1. Redigir documento apresentando suas necessidades de apoio especializado ao NAE;
2. Anexar laudo médico do especialista constando a Classificação Internacional de Doenças (CID);
3. Enviar a documentação supracitada ao NAE por meio do endereço eletrônico protocolopicos@ufpi.edu.br, com a documentação em arquivo único no formato PDF.

Após receber os requerimentos de adaptações dos estudantes PAEE, o NAE os convoca para atendimento individualizado, a fim de melhor conhecer as peculiaridades da demanda e construir juntos reflexões sobre as adaptações necessárias para a sua condição. Por conseguinte, as profissionais elaboram um parecer para a coordenação do curso do demandante, a fim de que os docentes façam as adaptações que garantam a permanência inclusiva e exitosa do estudante.

Na UFPI, os estudantes PAEE também podem ser contemplados com a Bolsa de Inclusão Social (BINCS), benefício que consiste na oferta de suporte acadêmico por meio de um auxiliar indicado pelo estudante com deficiência. Este auxiliar acadêmico recebe mensalmente uma bolsa no valor de R\$ 525,00 (quinhentos e vinte e cinco reais) e em contrapartida dá suporte nas atividades acadêmicas do estudante PAEE.

A BINCS tem validade de um ano, prorrogável até a conclusão do curso do estudante auxiliado, desde que sejam mantidos os critérios de permanência na bolsa, mediante à avaliação do auxiliar acadêmico/a realizada pela equipe do NAU e pelo/a estudante auxiliado/a e conforme a disponibilidade orçamentária. Compete ao Serviço Social do NAE a seleção do auxiliar acadêmico e a observância dos critérios de vulnerabilidade socioeconômica que devem ser atendidos para ocupação da função. Por sua vez, cabe ao Serviço Pedagógico acompanhar o planejamento e as atividades realizadas entre o estudante PAEE e seu auxiliar, dando suporte e orientações quando necessário.

Além disso, na instituição, é possível que o PAEE solicite kit lupas e recursos de tecnologia assistiva, como gravador de voz, mediante cessão, durante o curso, para auxiliar suas atividades acadêmicas. A oferta desses benefícios também é realizada pela assistência estudantil, por meio de editais específicos.

ADAPTAÇÃO CURRICULAR E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA ESTUDANTES AUTISTAS

A adaptação curricular para estudantes autistas está prevista na UFPI por meio da Resolução CEPEX/UFPI nº 76/2019, que garante atendimento educacional para estudantes de graduação público-alvo da educação especial.



O público-alvo da educação especial da UFPI compreende: estudantes com deficiência visual, auditiva, física, intelectual, psicossocial ou múltipla; transtorno do espectro autista; altas habilidades/ superdotação.



Nesse contexto, os docentes precisam dialogar e conhecer o/a educando (a) para, a partir de então, definir as estratégias que poderão adotar, visando ao melhor desenvolvimento das habilidades e competências do discente PAEE. A seguir, elencamos algumas sugestões de práticas inclusivas que podem ser implementadas pelos docentes

no cotidiano acadêmico:

1. Repassar as informações, orais ou escritas, com objetividade, oferecendo modelos práticos e concretos sobre o conteúdo trabalhado;
2. Ao falar, evitar o uso de figuras de linguagem, como metáforas, ironias ou expressões de duplo sentido;
3. Ao redigir textos e enunciados, optar pela ordem direta;
4. Dar previsibilidade sobre as datas das avaliações para que o/a estudante possa organizar previamente a sua rotina;
5. Definir com o discente os prazos para realização e entrega dos trabalhos acadêmicos, levando em consideração a natureza da tarefa e o nível de dificuldade do estudante;
6. Garantir tempo adicional de 50% ao estipulado para realização de atividades avaliativas;
7. Oportunizar que as avaliações tradicionais possam ser substituídas por outros tipos de atividades, como: trabalhos de pesquisa, questionários, entrevistas, seminários, dentre outros. E, quando viável, que possa ser realizada a consulta de fórmulas ou outros dados que subsidiem a resolução da atividade;
8. Oferecer listas de exercícios que possam auxiliar na preparação para as avaliações;
9. Realizar trabalhos complementares às avaliações e que estas, por sua vez, ocorram qualitativamente e quantitativamente, ao longo do processo de ensino-aprendizagem;
10. Incluir o estudante em atividades coletivas, quando conveniente;
11. Utilizar materiais didáticos variados, de modo a instigar a atenção



e participação do educando, conforme suas habilidades/afinidades, como por exemplo: fotografias, cartazes, vídeos, resumos, slides e jogos;

12. Disponibilizar cópia dos materiais usados em sala de aula;
13. Cooperar com a redução de barulhos e, se necessário, permitir a utilização de abafadores de som;
14. Permitir a gravação da aula expositiva, para posterior estudo e revisão por parte do discente.

As adaptações devem permitir que estudantes com TEA alcancem os objetivos esperados para o curso, sendo respeitadas as suas particularidades, considerando as suas limitações e potencialidades. Nesse sentido, as sugestões elencadas são um ponto de partida para o planejamento de aulas e espaços de aprendizagem inclusivos.

Vale ressaltar que cada estudante autista é único, merece ser acolhido, compreendido e respeitado no seu modo de ser e aprender. Assim, com pequenas atitudes empáticas, podemos construir verdadeiramente uma universidade inclusiva.



A estudante Jade Mendes Falcão de Athayde, do curso de Enfermagem, CSHNB-UFPI, relata como é ser estudante universitária com Transtorno do Espectro Autista, além de falar sobre o diagnóstico e sua rotina de vida.

1-Como você chegou ao diagnóstico de TEA: quando e como você ou sua família perceberam as características do espectro?

Desde criança eu já apresentava sinais, mas por muito tempo tudo foi interpretado apenas como “timidez” ou “ser muito sensível”. Minha família sempre percebeu que eu era “diferente”, mas isso era atribuído apenas ao meu jeito mais fechado, sensível e aos meus gostos restritos. Desde cedo eu tive dificuldade de frequentar as aulas — no colégio, cursinho e, principalmente, na universidade. O ambiente barulhento, o contato social intenso e a rotina exaustiva me sobrecarregavam bastante. Com o tempo, minha saúde mental se deteriorou e a depressão se agravou. Apesar de meu rendimento acadêmico ser excelente, eu não conseguia lidar com as demandas presenciais do curso. Foi só na vida adulta, após uma série de esgotamentos emocionais e dificuldades sociais que não faziam sentido para mim, que comecei a buscar respostas. A situação chegou a um ponto em que a própria coordenadora da graduação, sugeriu que eu investigasse o que tinha de errado para entender melhor o que



estava acontecendo comigo. Foi assim que comecei a busca pelo diagnóstico, pois eu sempre estive ciente de casos de autismo na minha família.

2-Como você se sentiu ao receber o diagnóstico e como você encara o TEA atualmente?

Foi um misto de alívio e dor. Alívio por finalmente entender que havia uma explicação para tudo aquilo que me fazia sentir “fora do lugar”, e dor por perceber que passei boa parte da vida sem o suporte necessário. Finalmente havia uma explicação para tanta luta silenciosa. Mas depois veio um período de luto. Eu me dei conta de quanto sofrimento poderia ter sido evitado se o diagnóstico tivesse vindo ainda na infância ou adolescência. Hoje, encaro o TEA como uma chave que me ajuda a entender a mim mesma com mais compaixão. É uma parte de quem eu sou, e não algo que me limita — o que me limita, na verdade, é a falta de compreensão da sociedade. Hoje, encaro o TEA com mais leveza. Não é um rótulo, é uma lente através da qual compreendo melhor minhas limitações e potencialidades.

3-Depois o diagnóstico de TEA você recebeu suporte e acolhimento de equipe multiprofissional, dos familiares e amigos? Qual a relevância do apoio ao sujeito com TEA e quais as implicações da ausência do suporte?

Após o diagnóstico, recebi apoio de profissionais e de alguns familiares, mas infelizmente nem todos compreenderam. Alguns amigos se afastaram e ainda existe muito capacitismo, inclusive em ambientes acadêmicos e sociais. O acolhimento correto faz toda a diferença — ele protege a autoestima, evita o isolamento e ajuda no desenvolvimento pessoal. A ausência dele, por outro lado, pode aprofundar crises de ansiedade, depressão e autossabotagem, como aconteceu comigo por anos. A sociedade muitas vezes invalida a experiência do autista, especialmente quando se trata de alguém verbal, com desempenho acadêmico alto. Por outro lado, também encontrei pessoas que respeitam meu tempo, meus limites e procuram me acolher como sou. O suporte é essencial, principalmente durante a universidade. A expectativa de vida de uma pessoa autista é de apenas 39 anos — muito disso por conta do estresse crônico,

exclusão social e falta de suporte emocional. Há um número alarmante de autistas que tiram a própria vida nesse período. Por isso, o apoio precisa ir muito além da teoria: precisa ser contínuo, sensível e estruturado.

4- Após o diagnóstico de TEA o que mudou em sua rotina? Houve necessidade de adaptações?

Sim, diversas. Passei a entender melhor meus limites e me permitir respeitá-los. Apreendi a respeitar meus limites sensoriais e sociais. Passei a organizar melhor meus horários, a evitar ambientes muito barulhentos ou caóticos, e comecei a me comunicar com mais clareza sobre o que me sobrecarrega. Além disso, precisei de algumas adaptações simples, como o uso de fones com cancelamento de ruído e pausas programadas, que mudaram minha qualidade de vida. Durante as aulas e estágios, por exemplo, tive que criar estratégias como fazer pausas para evitar crises de sobrecarga. Adaptei minha rotina para incluir períodos de descanso sensorial, me afastei de ambientes barulhentos e comecei a me comunicar com mais clareza sobre o que me afeta. Tudo isso foi essencial para manter a saúde mental e o equilíbrio emocional. Compreender o funcionamento do meu cérebro me permitiu planejar melhor meus dias e reduzir a sobrecarga que antes era constante.

5- Quais os desafios para a inclusão de pessoas com TEA na universidade?

Os desafios são muitos e, infelizmente, ainda pouco discutidos. A falta de informação e preparo da instituição é o maior deles. A universidade ainda parte de um modelo homogêneo de ensino. Pouco se fala sobre acessibilidade sensorial, emocional e comunicacional. O aluno autista muitas vezes precisa se adaptar sozinho, o que gera sobrecarga e exclusão silenciosa. Ainda há um despreparo institucional para oferecer adaptações como salas individuais para avaliações escritas, alternativas às apresentações orais — que para muitos autistas são motivo de crise —, e compreensão de que, muitas vezes, trabalhos em grupo não são a melhor opção. O excesso de estímulos, o tempo prolongado em ambientes com muitas pessoas e a pressão para se encaixar num padrão de comunicação social exaustivo podem tornar a experiência universitária extremamente difícil. Além disso, os critérios de avaliação precisam ser revistos. A orató-

ria de uma pessoa autista é diferente, e isso não pode ser penalizado da mesma forma que se avalia um aluno neurotípico. É necessário repensar o roteiro de avaliação de seminários, estágios e até mesmo do TCC, respeitando as particularidades de cada estudante.

6- O que professores e demais membros da comunidade acadêmica podem fazer para contribuir com a inclusão de pessoas com TEA?

Primeiro, buscar informação. Depois, ouvir o próprio aluno — cada autista é diferente. Flexibilizar prazos, oferecer ambientes mais tranquilos para avaliações, comunicar de forma objetiva e respeitosa já são atitudes que fazem uma grande diferença. A inclusão começa na escuta e na vontade genuína de compreender. Ou seja, respeito é o ponto de partida. Frases como “você só precisa se esforçar mais” invalidam e ferem. É essencial que professores saibam manejar crises, acolher os alunos com escuta ativa e, acima de tudo, adaptar os métodos de ensino e avaliação. Cada autista tem suas preferências e desafios. No meu caso, por exemplo, apresentações orais sempre foram extremamente difíceis. Falar em público me causava crises, e eu preferia fazer provas escritas — o que nem sempre era possível. A inclusão verdadeira exige escuta, flexibilidade e compaixão. Não se trata de dar privilégios, mas de garantir equidade para que todos tenham acesso real à educação.



REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BRASIL. Governo de São Paulo. **Cartilha de orientação para o atendimento a pessoas com deficiência**. 48.p [2023]. Disponível em: <<https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/10/GUIA>>. Acesso em: 16 de junho de 2025.

BRASIL. Cartilha '**Atitudes Que Fazem A Diferença Com PcD**': Garantir os Direitos Humanos é o caminho para a inclusão. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em <<https://faders.rs.gov.br/upload/arquivos/202112/02123955-cartilha-atitudes-que-fazem-a-diferenca-2-edicao.pdf>> Acesso em: 02 de julho de 2025.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Todos juntos por um Brasil mais acessível**: OMP e a pessoa com deficiência. Brasília: CNMP, 2014. 72 p.

BRASIL. Programa INCLUIR. **Convivendo com pessoas com deficiência**: um guia para facilitar suas relações no trabalho e na vida. [sem ano]. P.36. Disponível em: <http://www.viacaocometa.com.br/shared/programa-inclusao-social.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

BRASIL. **Resolução CEPEX/UFPI nº 76/2019**. Dispõe sobre o atendimento educacional a estudantes de graduação público-alvo da educação especial na Universidade Federal do Piauí. Disponível em <https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Resolu%C3%A7%C3%A3o_n%C2%BA_076.201920190527093809.pdf> Acesso em: 15 de Junho de 2025.

BRASIL, Lei Nº 13.146. **Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Senado Federal: Brasília, 2015.

WHITMAN, T. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M.Books, 2015.

